

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

LUCIANA KÁSSIA SANTANA OLIVEIRA

Da Educação Popular aos cursinhos populares: o caso da Rede Emancipa em Uberlândia
(2021-2023)

Uberlândia

2023

LUCIANA KÁSSIA SANTANA OLIVEIRA

Da Educação Popular aos cursinhos populares: o caso da Rede Emancipa em Uberlândia
(2021-2023)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de História da Universidade Federal
de Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de licenciatura em História.

Área de concentração: História

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais

Uberlândia

2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

O48 2023	<p>Oliveira, Luciana Kássia Santana, 2001- Da educação popular aos cursinhos populares: o caso da Rede Emancipa em Uberlândia (2021-2023) / Luciana Kássia Santana Oliveira. - 2023.</p> <p>Orientador: Sérgio Paulo Morais. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em História.</p> <p>Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia.</p> <p>1. História. I. , Sérgio Paulo Morais, 1972-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em História. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 930</p>
-------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

LUCIANA KÁSSIA SANTANA OLIVEIRA

Da Educação Popular aos cursinhos populares: o caso da Rede Emancipa em Uberlândia
(2021-2023)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de História da Universidade Federal
de Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de licenciatura em História.

Área de concentração: História

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais

Uberlândia, 2023

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais

Prof. Dr. Gustavo de Souza Oliveira

Prof. Dr. Douglas Gonsalves Fávero

Dedico este trabalho aos meus familiares, pelo
estímulo, carinho e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Sérgio Paulo o incentivo, motivação e orientação nesta caminhada acadêmica. Orientador, que durante a graduação me incentivou a buscar na educação a motivação necessária para continuar e ver na licenciatura uma possibilidade engrandecedora.

Em memória à minha avó, professora, que tem o seu legado seguido, com muito carinho, por sua neta. Aos meus pais, em especial a minha mãe, por todo suporte e amor, e que por tanta solidariedade, carinho e sede por justiça, me repassa valores que levo em minha caminhada.

A minha irmã, meu maior exemplo. Agradeço por tanto amor, diálogo e companheirismo. Que possamos permanecer sempre compartilhando da mesma fé na mudança a partir da educação

Aos meus amigos, presentes nos momentos de alegria e turbulência, obrigada por tanto.

Agradeço, em especial, a coordenadora da Rede Emancipa na cidade de Uberlândia pela disponibilidade e entrevista.

“[...] é preciso que a educação esteja em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjogue.”

(FREIRE, 2006, p. 45).

RESUMO

O objetivo deste artigo é explicitar os movimentos de conquista histórica da educação popular, junto e com as classes populares, e o seu uso, a partir dos cursinhos populares, na criação de um modelo de educação que se antagoniza ao modelo de educação estritamente comercial. Entende-se, a partir disso, que a formação dos cursinhos populares no Brasil, pode ser vista como uma extensão da educação popular. Para isso, um duplo movimento foi feito: em primeiro, uma pesquisa bibliográfica realizada na tentativa de alcançar o uso da educação popular junto à história dos cursinhos populares no Brasil, e alcançar os estudos que analisem o surgimento dos cursinhos populares no país. Em segundo, foi feita uma entrevista com a coordenadora da Rede Emancipa, Movimento Social de Educação Popular da cidade de Uberlândia, com o intuito de melhor compreender a atuação do movimento na cidade. Percebe-se, a partir disso, que o uso político da educação, feito junto aos movimentos sociais de cursinhos populares, visa, sobretudo, uma emancipação política de seus alunos, porém, simultâneo a isso, visa também a democratização do acesso ao ensino superior no Brasil, por meio das instituições de ensino superior públicas e privadas.

Palavras-chave: educação popular; cursinhos populares; Rede Emancipa.

ABSTRACT

The objective of this article is to explain the movements of historical conquest of popular education, together with the popular classes, and its use, from the popular courses, in the creation of an education model that antagonizes the strictly commercial model of education. It is understood, from this, that the formation of popular courses in Brazil, can be seen as an extension of popular education. For this, a double movement was made: first, a bibliographical research carried out in an attempt to achieve the use of popular education along with the history of popular courses in Brazil, and reach the studies that analyze the emergence of popular courses in the country. Secondly, an interview was made with the coordinator of the Emancipa Network, Social Movement of Popular Education of the city of Uberlândia, in order to better understand the action of the movement in the city. It is perceived, from this, that the political use of education, made with the social movements of popular courses, aims, above all, a political emancipation of its students, but simultaneous to this, also aims at the democratization of access to higher education in institutions of public and private higher education.

Keywords: popular education; popular courses; Emancipa Network.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A CONCEPÇÃO DOS CURSOS PRÉ-VESTIBULAR NO BRASIL.....	11
2.1 A GÊNESE DOS CURSINHOS PRÉ-VESTIBULAR NO BRASIL.....	11
2.2 AS NOMENCLATURAS DOS CURSINHOS.....	16
3 OS CURSINHOS POPULARES NA CONTEMPORANEIDADE.....	18
3.1 MECANISMOS DE EXCLUSÃO E OS CURSINHOS POPULARES NA ATUALIDADE.....	18
3.2 PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO LIBERTADORA.....	20
4 EDUCAÇÃO POPULAR E A REDE EMANCIPA.....	22
4.1 A EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL.....	22
4.2 A REDE EMANCIPA: ONDE EDUCAÇÃO POPULAR ENCONTRA O MOVIMENTO SOCIAL EM PROL DA DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À EDUCAÇÃO.....	24
4.3 A REDE EMANCIPA NA CIDADE DE UBERLÂNDIA.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

Busco analisar no presente trabalho, a possibilidade do uso da educação em prol do desenvolvimento pessoal e político das classes populares no Brasil. A partir disso, se almeja, elencar a educação popular feita a partir de cursinhos populares, como uma metodologia de conscientização política, emancipação pessoal e democratização do acesso à educação no país.

No intuito de fazer uma análise que envolva tais perspectivas, foi realizada uma revisão bibliográfica e ao mesmo tempo uma análise de documentos que tratam sobre as temáticas acima elencadas. A partir dessas, foram desenvolvidas certas particularidades que envolvem os cursinhos populares e que tratam de sua gênese no Brasil. Em outra seção, foram elaboradas discussões sobre a obra de Paulo Freire e sua pedagogia libertadora. O texto percorre aspectos da educação popular, e por fim, apresenta-se a Rede Emancipa – Movimento Social de Educação Popular, rede de cursinhos pré-universitários, tomando-o como exemplo de práxis da democratização do acesso à educação e conscientização política dos (das) discentes.

Além da pesquisa bibliográfica realizou-se uma entrevista com a coordenadora da sede da Rede Emancipa na cidade de Uberlândia, na qual foi utilizado o modelo de entrevista semidiretiva de João Amado (2014). Através deste, foi elaborado um “guião” com o intuito de obter-se um roteiro preparativo, para efetivar o diálogo. Entre os objetivos da entrevista, destaca-se a motivação de conhecer a atuação da Rede na cidade.

A escolha da temática aqui trabalhada se justifica por várias razões, dentre elas, a proximidade com o tema, uma vez que, enquanto professora em formação, anseio um mundo onde a educação popular torne-se uma escolha possível. Logo, o trabalho caminha no intuito de observar a urgência na revisão da metodologia educacional utilizada atualmente, uma vez que o plano de educação vigente, junto a seus processos seletivos, tem cadenciado recorrentemente processos de exclusão na rede pública de educação. Por fim, o estudo se justifica, como já elencado, pela possibilidade de encontrar na educação popular uma educação libertadora e politizadora, que lide com o caráter político, emancipador e cultural do ato de educar, pois, acima de tudo, compreendo que a educação deva ser encarada como um direito.

2 A CONCEPÇÃO DOS CURSOS PRÉ-VESTIBULAR NO BRASIL

Busquei nesta seção apontar a gênese dos cursinhos popular no país a partir de Castro (2005, 2019) através de 04 (quatro) períodos e dissertou sobre as nomenclaturas utilizadas por este tipo de curso a partir da regionalização do Brasil e o seu lugar dentro das universidades.

2.1 A GÊNESE DOS CURSINHOS PRÉ-VESTIBULAR NO BRASIL

Cloves Alexandre de Castro (2019), autor e pesquisador, que investiga a área de cursinhos populares no Brasil, atesta que a luta pelo acesso aos espaços da universidade pública acompanha a história das lutas por educação no país. Em sua análise, o autor separa espaços para pesquisa dos sujeitos presentes nessas lutas. Logo, ao tratar de cursinhos populares, fala-se de um momento de reivindicações com relação à educação. No entanto, variadas são essas reivindicações, feitas pelas classes populares, que buscam o acesso à educação básica, e as instituições de ensino superior.

Cloves Alexandre de Castro (2005) separa a passagem dos cursinhos populares e alternativos pelo Brasil em quatro momentos.

1) O primeiro, se caracteriza por ser um momento em que o país passa por uma frequente discussão acerca do projeto de desenvolvimento, discussão essa que alcança todas as classes. Como observado por Castro (2005):

O primeiro momento agrega os Cursinhos do Grêmio da Faculdade Politécnica da USP e do Centro Acadêmico Armando Sales de Oliveira, o CAASO, na USP de São Carlos, surgidos na década de 1950, quando o país vivia a discussão sobre qual projeto de desenvolvimento deveria seguir. O presidente Getúlio Vargas radicalizava o discurso voltado às instituições e aos “interesses nacionais”, ao mesmo tempo em que aumentava a dependência do país frente aos interesses internacionais, historicamente convergentes com os da elite dominante no Brasil. Seu sucessor institucional, Juscelino Kubitschek, apenas engrossou o caldo da dependência por meio de sua política desenvolvimentista (CASTRO, 2005, p. 14-15).

O autor descreve a existência de duas ações que tomam frente do movimento de cursinhos pré-vestibular populares no país: o Cursinho da Poli-USP e o cursinho do Centro Acadêmico Armando Sales de Oliveira, o CAASO, que fica na USP de São Carlos.

Sobre o Cursinho da Poli, na USP de São Paulo, Castro (2019), cita o depoimento de Fábio Sato, ex-aluno da faculdade Politécnica e um dos coordenadores do cursinho, que elucida, com detalhes, sobre seu surgimento e suas características. Segundo o coordenador citado, o projeto foi fundado na década de 1950 pelo Grêmio da Politécnica da USP, uma associação dos

alunos dos cursos de Engenharia da Universidade de São Paulo, fundada em 1903.

Nas palavras de Fábio Sato, (CASTRO, 2019):

Ele [O cursinho da Poli] tinha uma finalidade diferente do cursinho da Poli de hoje que começou em 1987. O diretor da Poli, professor Décio Leal Zagottis, sugeriu ao Grêmio que fizesse um cursinho voltado a pessoas economicamente carentes, interessados em entrar na Poli. Mas no ano seguinte, para todos que tivessem interessados em entrar numa universidade pública e não tinham condições de se preparar (CASTRO, 2019, p. 158).

O entrevistado por Castro (2019, p. 158) afirma que, com o passar dos anos, o cursinho citado deixa de lado o seu caráter popular, que visava atender as “pessoas economicamente carentes”. Isso ocorre pois, “em consonância com a direção da Escola Politécnica, um grupo de estudantes da Poli disputou e venceu as eleições do Grêmio Politécnico, fazendo avançar ainda mais a descaracterização do Cursinho da Poli” (CASTRO, 2019, p. 159). É que no ano de 1996 o Cursinho da Poli deixa de funcionar no espaço físico da USP, para atuar no bairro Butantã. Junto a essa mudança física, o cursinho também amplia significativamente os seus números de matrícula, e passa, para além disso, a produzir o próprio material didático. Em 1999 o cursinho se insere definitivamente no mundo dos negócios da área da educação, passando a alcançar mais de 2.000 alunos.

Diante do exposto, o autor supracitado afirma que, em 2001, é fundada a Associação dos Alunos do Cursinho da Poli (AACP), que, para além de outras coisas, denunciaram esse processo de mercantilização do cursinho. Junto a isso, Castro (2019, p. 159-160) relata que, no ano de 2006, o Cursinho da Poli-USP foi refundado com o objetivo de reconstruir uma trajetória popular. Nesse movimento, o pesquisador relata que os profissionais ligados a essa movimentação foram todos demitidos. Os professores demitidos nessa ação, somado à ex-alunos do cursinho e estudantes da USP, fazem surgir o Rede Emancipa - Movimento Social de Cursinhos Populares.

Sobre o cursinho do Centro Acadêmico Armando Salles de Oliveira, a CAASO, citado no primeiro momento por Castro (2005), Castro (2019) afirma que a experiência desse cursinho, que é contemporâneo ao cursinho da Poli, já trazia indícios do que seriam mais tarde os cursinhos alternativos e populares no Brasil.

Sobre a CAASO, contemporânea ao cursinho da Poli-USP, Castro (2019, p. 162) utiliza o depoimento de Roberta Carvalho, colhido por ele para o desenvolvimento de sua dissertação de mestrado, publicada em 2005, na qual explicita minuciosamente a cursinho e o seu funcionamento:

O CAASO é uma escola sem fins lucrativos que surgiu em meados da década de 1950, fundada pelos alunos da USP de São Carlos por meio do Centro Acadêmico Armando Sales de Oliveira. A princípio ele era cursinho mesmo. Aqueles alunos perceberam na época que os alunos que estavam chegando à universidade muitas vezes não tinham uma base muito boa, principalmente na área de exatas e decidiram então criar o cursinho para atender uma população de menor poder aquisitivo para dar a essas pessoas uma possibilidade de ingressar na universidade pública com boa base nos conteúdos. No princípio ele era voluntário e gratuito (CASTRO, 2019, p. 162).

Passando pelo mesmo processo que o Cursinho da Poli-USP, o autor atesta que na década de 1970 o cursinho deixa de ser gratuito e voluntário, e, a partir disso, a diretoria da CAASO funda um supletivo. Na década de 1980 foi fundado um colégio que passou a atuar em conjunto com o cursinho.

2) O segundo momento mencionado por Castro (2005) trata do período de 1964-1985, marcado pelos vinte anos de ditadura militar no Brasil. O autor destaca a contribuição da atuação “ala esquerda” da Igreja Católica, também conhecida por teologia da libertação¹, para consolidar o que seria, futuramente, a identidade dos cursinhos populares. Logo, segundo Castro (2005):

O segundo momento da constituição da gênese dos Cursinhos Populares foi o período de vinte e um anos de ditadura militar no Brasil (1964-85). As experiências acumuladas, no período, por diversos atores políticos foram socializadas com os “novos” movimentos sociais em formação nos anos de 1970. A contribuição da Teologia da Libertação (chamada “ala esquerda” da Igreja Católica) foi de vital importância na composição da identidade dos Cursinhos Populares, os quais são pautados na prática da solidariedade e da organização social, herdadas das Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs) (SADER, 1988) (CASTRO, 2005, p. 15).

Para o autor, os espaços institucionais da Igreja Católica podem ser vistos como um dos poucos lugares que foram poupados pela repressão do Estado durante a ditadura militar. Sendo assim, formou-se um campo progressista dentro da Igreja, sendo ele um dos responsáveis por reorganizar as formas de luta das classes trabalhadoras no Brasil. Foi ainda nesse movimento de retomada das lutas contra as desigualdades no país que surgiram as Comunidades Eclesiais

¹ Cejana Noronha, que visa explicitar a teologia da libertação e a sua passagem pelo Brasil, define o movimento como a maior expressão de sensibilidade que surgiu nos últimos 30 anos da história da teologia. Entre as características do movimento, para a autora: A forma mais adequada encontrada pela Teologia da Libertação de ajudar os oprimidos é entendê-los como sujeitos ou agentes de sua própria libertação. Aqui o assistencialismo é substituído pelo entendimento que o pobre tem força, consciência capacidade de transformar as relações sócias, descobrindo as causas que geraram a situação opressora em que se encontram. A articulação de movimentos que reivindicam melhores condições salariais ou de moradia, são exemplos de como os pobres atuam promovendo sua própria libertação, utilizando-se de instrumentos, como por exemplo os sindicatos (NORONHA, 2011, p. 190).

de Base (CEBs). Castro (2019, p. 170) define as CEBs como espaços sociais de reflexão e organização da classe trabalhadora, elaboradas pelos defensores da teologia da libertação, que escolhem atuar pelos pobres.

Conforme o grifo de Bernardo Mançano Fernandes: feito por Castro (2019, p. 171), as Comunidades Eclesiais de Base,

[...] foram o lugar social onde os trabalhadores encontraram condições para se organizar e lutar contra as injustiças e por seus direitos. Embora tenha apoiado o golpe de 64, a Igreja começa a mudar de posição a partir de 1973. Nas suas bases, alguns sacerdotes já se envolviam com o processo de resistência dos trabalhadores em torno da questão da terra. Esse espaço político havia nascido no começo dos anos sessenta, quando começaram a surgir as primeiras Comunidades Eclesiais de Base no Brasil. Nessas comunidades, começa a ganhar importância a reflexão acerca da realidade imediata, como exercício da liberdade pessoal. Para a execução dessa prática, foi preciso construir, nesse lugar, um novo espaço, novas dimensões e novos valores. As comunidades deixam de ser apenas o lugar onde os fiéis iam à procura de paz para se tornar um espaço de *reflexão* e de opções pessoais e coletivas a respeito da vida (CASTRO, 2019, p. 171, grifo nosso).

Para o autor, em suma, é de grande influência o setor da esquerda, inserido na Igreja católica, os quais colocam em debate diversas questões que são de grande valor para as classes populares, e, com isso, passam a ter grande importância na formulação da práxis dos movimentos sociais que vão surgir a partir disso, entre eles, encontravam-se os cursinhos pré-vestibular populares.

3) O terceiro momento que relata a passagem dos cursinhos populares e alternativos no Brasil, mencionado por Castro (2005) está circunscrito no período que se inicia na década de 1980 e que permanece até os dias atuais (para Castro, o ano de 2005). Sobre isso, o autor define:

Já o terceiro momento de formação dos Cursinhos Populares está expresso no período que vai do final dos anos de 1980 até os dias de hoje. Inicialmente marcado pela hiperinflação, pela perspectiva do governo de um presidente eleito por voto direto, depois de vinte e nove anos, e pelo esgotamento das práticas dos movimentos sociais surgidos nos anos de 1970 e 1980, o período também se caracterizou pela disseminação das práticas do que se convencionou chamar “novíssimos movimentos sociais” e das experiências de Cursinhos Pré-Vestibulares nas universidades públicas, originados das iniciativas de estudantes e de suas representações (CASTRO, 2005, p. 15).

Sobre a criação dos “novíssimos” movimentos sociais, Castro (2019, p. 172) ressalta que para além da reformulação do discurso feito pela Igreja Católica, a partir das Comunidades Eclesiais de Base e a teologia da libertação, também houve uma reformulação nos movimentos sindicais, que, unidos à esquerda marxista derrotada pelos militares, buscam produzir um novo

movimento político no país. Para o autor supracitado, a união dessas camadas populares introduz novos sujeitos políticos no cenário político social brasileiro.

Em citação de Sader, recolhida por Cloves Alexandre de Castro (2019, p. 173), é possível compreender o que em (2005) o autor denomina de “[surgimento dos] novíssimos movimentos sociais”:

Era o “novo sindicalismo”, que se pretendeu independente do Estado e dos partidos; eram os “movimentos de bairro”, que se constituíram num processo de auto-organização, reivindicando direitos e não trocando favores como os do passado; era o surgimento de uma “nova sociabilidade” em associações comunitárias onde a solidariedade e a autoajuda se contrapunham aos valores da sociedade inclusiva; eram os “novos movimentos sociais”, que politizavam espaços antes silenciados na esfera privada (SADER, 1988, *apud* CASTRO, 2019, p. 173).

4) Ao final, no quarto momento que relata a passagem dos cursinhos no Brasil, o autor entende que se pode descrever esse movimento como uma síntese dos três momentos citados anteriormente, e, junto a isso, a retomada da possibilidade do uso do método de educação popular no país. Nas palavras de Castro (2005, p. 15):

Por fim, o quarto momento é o encontro (do ponto de vista da assimilação das experiências) dos três momentos anteriores e, ao mesmo tempo, um retorno à prática e ao método da educação popular no Brasil. É a partir desse encontro que podemos falar em Cursinhos Populares, até porque, anteriormente, eles estavam localizados majoritariamente no interior dos *campi* universitários ou em administrações municipais de caráter progressista (CASTRO, 2005, p. 15).

Entende-se, sobretudo, a partir disso, que, conforme citado por Castro (2019, p. 174-175), o encontro dos três momentos anteriores e retorno à prática da educação popular no Brasil, juntos, viabilizam as lutas sociais por justiça e liberdade, e produzem alternativas revolucionárias para as problemáticas sociais.

Em comunhão com Castro (2005; 2019), Mendes (2011) e Groppo, Oliveira e Oliveira (2019) atestam que o avanço da práxis dos cursinhos populares no Brasil deu-se a partir do final da década de 1980 e início da década de 1990. Entre as motivações para o aumento do número de cursinhos pré-vestibular, Mendes (2011) elenca, entre outras coisas, a expansão da oferta do ensino médio, feita nos anos 90, e, junto a isso, nessa mesma década, a massiva expansão das universidades privadas, feitas por meio de iniciativas criadas pelo Ministério da Educação (MEC).

2.2 AS NOMENCLATURAS DOS CURSINHOS

A maneira com que se denomina o cursinho pré-vestibular, seja “alternativo”, “comunitário”, ou “popular” parece ser redundante, porém, conforme atesta Maíra Tavares Mendes (2011), existem distinções regionais e políticas que particularizam os usos desses termos. Para a autora, os cursinhos que se definem enquanto “cursinhos alternativos” o fazem no intuito de:

[...] frisar a distinção com os cursinhos convencionais. Esta distinção pode dar-se tanto no aspecto econômico (mensalidades reduzidas ou ausentes), quanto no aspecto ético-político (valores de cooperação ao invés de competição, relação professor- aluno horizontal, disciplinas que busquem debates políticos, dentre outras) (MENDES, 2011, p. 43).

No que tange aos cursinhos que se autointitulam “comunitários”, Mendes (2011, p. 44) destaca haver vínculo com o movimento das comunidades urbanas ou favelas, na região metropolitana do Rio de Janeiro.

Quanto aos cursinhos que se denominam com “cursinhos populares”, a autora assevera que:

O termo “cursinho popular”, por sua vez, é utilizado seja para frisar o espaço em que se desenvolvem estas experiências (a periferia urbana como espaço popular), seja por uma identidade de classe (um cursinho organizado pelas e/ou para as classes populares) ou por identificar-se com os princípios pedagógicos da educação popular (MENDES, 2011, p. 44).

Cloves Castro define cursinhos comunitários e cursinhos populares, como um movimento socioespacial urbano e popular. Castro (2019, p. 229) assim os define por duas razões, i) ambos procuram realizar as demandas das classes populares, em busca de acesso ao conhecimento; ii) ambas têm no espaço urbano seu lugar privilegiado de ação e luta para tornar as universidades um lugar mais plural e democrático.

Para o autor, o ponto chave de análise para a questão dos cursinhos é o caráter espacial. Geógrafo, Castro (2019) afirma que o cursinho “popular” surgiu das práticas educativas nos espaços dos próprios sujeitos, ou seja, nos bairros periféricos das cidades. Isto significa que, para o autor, a diferença entre os cursinhos alternativos e populares pode ser vista como:

Os alternativos acreditam que a ação dos cursinhos é a oportunidade de igualar as condições de preparação para o exame vestibular entre pobres e ricos; já os populares compreendem os cursinhos como um movimento popular, instrumento de defesa e

disputa da universidade pública como uma instituição social voltada aos interesses da sociedade em geral e compreendem as suas ações como formas de luta pelo fim do vestibular e para se debater a necessidade do livre acesso ao ensino superior no país. [...] Assim, os cursinhos alternativos têm entre suas maiores características, a utilização dos espaços institucionais das universidades, das escolas e dos sindicatos e estão associados a uma concepção do seu papel no preparo de estudante pobre para o vestibular; enquanto os cursinhos populares encontram-se nos sindicatos combativos, em algumas universidades, nas associações de moradores, igrejas e majoritariamente, nas dependências de escolas públicas (CASTRO, 2019, p. 230-231).

Ademais, para Castro (2019, p. 231), os cursinhos definidos como alternativos tendem a utilizar os espaços institucionais das universidades, das escolas e dos sindicatos, ao passo que, no que diz respeito aos cursinhos que se intitulam como populares, é possível encontrá-los nos espaços dos sindicatos, em algumas universidades, mas principalmente, nas associações de moradores, Igrejas, e de modo primordial e preferencial, em escolas públicas.

3 OS CURSINHOS POPULARES NA CONTEMPORANEIDADE

Nesta seção, busco analisar os motivos da criação dos cursinhos pré-vestibular, apontando as principais características e o público e os mecanismos de exclusão que levaram a criação dos cursinhos populares. Apresentou-se a perspectiva política emancipadora presente nos cursinhos populares através do pensamento de Paulo Freire.

3.1 MECANISMOS DE EXCLUSÃO E OS CURSINHOS POPULARES NA ATUALIDADE

Para Marcelo Cortez Visotto (2023), dentre as motivações da existência dos cursinhos pré-vestibular comerciais, é possível elencar, de modo principal, a utilização do método meritocrático de seleção para entrada no ensino superior, feita, atualmente, por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e vestibulares. Nesse contexto, predominam os pré-vestibulares pagos. Como mencionado no estudo feito por Visotto (2023):

O sucateamento da educação pública abre espaços para uma mercantilização dos cursinhos pré-vestibulares, condiciona o estudante a frequentar pelo menos mais um ano de curso preparatório para processos seletivos: “naturalizou-se que, para ingressar na universidade, além da conclusão do ensino médio formal, o aluno teria que passar por uma preparação mais intensiva, oferecida pelos cursinhos comerciais” (ARAGÃO et al, 2015, p. 87) (VISOTTO, 2023, p. 48).

Ocupar espaços e romper barreiras é a maneira com que o autor define o princípio dos cursinhos pré-vestibular populares que ganham maior espaço a partir dos anos 1990. Em congruência com Castro (2005; 2019) e Mendes (2011), Visotto (2023, p. 49) relata que os cursinhos populares podem ser encontrados em regiões periféricas, no intuito de desenvolverem propostas alternativas ao sucateamento estrutural sofrido pela educação, e o faz apresentando novas perspectivas no processo de ensinar e aprender. Portanto, para além do propósito de fazer com que as classes populares alcancem o ensino superior, através do ENEM e dos exames de vestibular, o autor atesta que os cursinhos populares se preocupam, em mesma medida, em desenvolver o pensamento crítico de seu público-alvo, na intenção de proporcionar uma nova visão da realidade. Para Visotto: “Cursinhos populares, considerados movimentos sociais de educação, representam uma alternativa para acesso e inserção cultural, política e econômica” (VISOTTO, 2023, p. 49).

Cursinhos populares como movimentos sociais de educação. É sob essa perspectiva que o autor reforça o intuito de democratizar o acesso às Instituições de Educação Superior (IES). “Devemos elaborar pedagogias de indignação, esperança e construção de sabedorias que devam ser reconhecidas nas práticas do cotidiano e que não submetam ou silenciem seus atores” (VISOTTO, 2023, p. 50).

Afirma ainda que, dentre os grupos responsáveis pela execução desses cursinhos populares no Brasil, é possível encontrar cursinhos dirigidos por Diretórios Centrais dos Estudantes (DCE's), Diretórios Acadêmicos (DA's), Grêmios Estudantis, Movimentos Sociais, Sindicatos, Pastorais, associações de moradores, organizações não governamentais, entre outros.

O autor, em desenvolvimento de sua análise, ressalta a metodologia utilizada pelos cursinhos, ressaltando, ao mesmo tempo, o modo como eles visam um trabalho duplo: entregar ao aluno os ensinamentos necessários para alcançar à aprovação no vestibular e demais processos seletivos, sendo assim, uma visão mais conteudista do ensino, porém, ao mesmo tempo, desenvolver, junto a esses mesmos alunos, um pensamento crítico e de conscientização política. Para o autor, o ato de obter a perspectiva atenta, feito pelos coordenadores de cursinho, que visam esse duplo movimento, o fazem, pois: “os cursinhos populares têm um papel maior que levar seus educandos à aprovação em processos seletivos, já que a proposta pedagógica desse movimento é ampliar as possibilidades da vida e liberdade do pensar” (VISOTTO, 2023, p. 52).

A partir da perspectiva apresentada nota-se que o desafio dos cursinhos populares se torna a intermediação entre o conteudismo dos vestibulares e a educação crítica. Visotto (2023, p. 53), sobre isso, define esse duplo movimento como uma mediação entre disciplinas, conteúdos e planejamento político social.

Tem-se, conseqüentemente, que a práxis dos cursinhos populares não se finda apenas na preparação de alunos para os exames que precedem os processos seletivos de entrada nas Instituições de Ensino Superior, e nem tampouco na prática restrita de uma pedagogia política. Ambas as circunstâncias citadas são de suma importância para os cursinhos e caracterizam grande parte de sua gênese. Porém, é preciso, conforme cita Visotto (2023), considerar os cursinhos populares também enquanto movimentos sociais que lutam politicamente pelo direito à educação no Brasil. Para exemplificar tal argumentação, o autor atesta que:

Os cursinhos populares podem ser considerados também como mais um dos movimentos sociais que lutaram e conquistaram por legislações e políticas afirmativas, em especial as cotas sociais e raciais de acesso às universidades públicas,

bem como políticas de acesso às instituições de educação privadas e, enfim, políticas de permanência na educação superior. Os cursinhos populares participaram ativamente nos debates, contribuindo para a construção de políticas como o Programa Universidade Para Todos (PROUNI), a recriação do Financiamento Estudantil (FIES), a lei de cotas para a educação superior e o Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), entre outros (VISOTTO, 2023, p. 53-54).

3.2 PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Para melhor compreender a perspectiva política emancipadora, citada por Visotto (2023), presente nos cursinhos populares, faz-se necessário ir atrás do pensamento de Paulo Freire, junto a seus escritos sobre a educação bancária e a educação libertadora. À vista disso, Paulo Freire, pensador que defende a “Educação como prática de liberdade”, em seu livro, *Pedagogia do oprimido*, publicado originalmente em 1968, discorre, ao definir educação bancária e educação libertária, sobre o que seria a libertação dos oprimidos rente aos opressores.

Para o autor, a educação bancária pode ser definida como a pura transmissão de conteúdos de um educador a um educando. Na visão bancária, o saber em questão é ato passível de “doação”. Nela, conforme cita Freire (2021, p. 79), o educador é visto como um agente indiscutível, que tem a real tarefa de “encher” os educandos com os conteúdos de sua narração. Ao passo que o educador “enche” os educandos, esses, por sua vez, se encontram na posição de serem “enchidos”.

Para Freire (2021) a educação bancária só interessa aos opressores, que, mais em paz estarão, quanto mais adequados os oprimidos estiverem ao mundo. Para o autor, os opressores são incapazes de perceber: “[...] que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação” (FREIRE, 2021, p. 89-90). Logo, para o educador bancário, que, na posição de opressor, é um agente indiscutível, cuja função é depositar conhecimentos nos alunos, a autenticidade da educação, junto ao seu caráter dialógico, é vista, por eles, como uma ameaça.

Se pretende a libertação dos oprimidos, para Paulo Freire (2021), essa libertação deve ser feita por estes mesmos. Em suas palavras, “quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão?” (FREIRE, 2021, p. 42-43). Cabe, a partir dessa premissa, o oprimido libertar-se a si, e também aos opressores.

Para o autor, os oprimidos viram, enquanto oprimidos, “hospedeiros” do próprio opressor, e, somente a partir do momento em que eles descobrem esse fato, eles podem descobrir os meios necessários para alcançar à sua pedagogia libertadora. Logo, o autor afirma

que a liberdade é uma conquista, na qual exige uma permanente busca, ou seja, não pode ser adquirida por meio da doação do opressor solidário. O mesmo se aplica à educação. Para adquirir a emancipação do aluno, ela deve ser feita, não por meio de uma transmissão do educador ao educando, e sim, junto a ele, para que ele participe e seja protagonista desse movimento. Isso, para Freire (2021), é o ato cognoscente da educação.

A libertação, sobretudo, em Freire (2021, p. 55) advém não de explicar às massas a sua situação de oprimido, e sim, dialogar com elas sobre a sua ação. O diálogo, nessa circunstância, é crítico e libertador. Para o autor: “Pretender a libertação deles sem a sua reflexão no ato desta libertação é transformá-los em objeto que se devesse salvar de um incêndio. É fazê-los cair no engodo populista e transformá-los em massa de manobra” (FREIRE, 2021, p. 72).

Segundo Freire (2021, p. 95-96) o educador libertador não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é também educado, em diálogo com o educando. Ambos são vistos enquanto sujeitos do mesmo processo, e, a partir disso, crescem juntos. Logo:

Enquanto, na concepção “bancária” [...] o educador vai “enchendo” os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos, na prática problematizadora, vão os educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo (FREIRE, 2021, p. 100).

É possível perceber, a partir do explicitado sobre a educação libertadora e emancipadora que, a pedagogia de caráter político e emancipador, aplicada pelos cursinhos pré-vestibulares populares, tem o seu princípio em um modelo educacional que se inicia junto à teoria de Paulo Freire no que diz respeito a uma educação libertadora e a emancipação do aluno a partir do diálogo.

4 EDUCAÇÃO POPULAR E A REDE EMANCIPA

Esta seção tem o objetivo de assinalar a educação popular como um instrumento de acesso à educação pela classe trabalhadora e popular e por fim, caracteriza a Rede Emancipa, que é um Movimento Social de Educação Popular que luta pela democratização do acesso à Universidade e por uma educação de qualidade, crítica e gratuita.

4.1 A EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL

Marcelo Cortez Visotto (2023, p.37), em sua dissertação de mestrado, define a gênese da educação popular no Brasil a partir do momento em que foi feita uma educação para as massas, por meio de uma elite intelectual que, diante disso, atuou em prol de um desenvolvimento social nacional. A partir disso, o autor relata que a educação popular no país se materializa, em um primeiro momento, através da educação de adultos, e, de modo específico, no que tange ao combate do analfabetismo, que tem Paulo Freire entre os seus principais nomes.

Uma educação voltada aos excluídos. Para o Visotto (2023), é possível considerar que o movimento de alfabetização de adultos tem suas origens junto à educação popular, uma vez que, ainda em suas palavras:

[...] o analfabetismo não é a incapacidade de ler e escrever, mas antes um indicador de distanciamentos sociais e privações culturais, sendo que as tendências educacionais contemporâneas despojam a educação das obrigações éticas e políticas, afastando da pedagogia o pensamento crítico e também impedindo o desenvolvimento de uma política emancipadora (VISOTTO, 2023, p. 38).

Logo, lutar para que todos sejam alfabetizados é, não apenas ensiná-los a ler, mas, simultâneo a isso, é olhar para a pessoa enquanto agente político.

Fazendo um paralelo antagônico entre educação capitalista e educação popular, Marianna Serrano (2020), ancorada nos escritos de Paulo Freire, reitera que o desenvolvimento da educação popular no Brasil aconteceu na década de 1960, “em meio ao processo de industrialização-urbanização e modificações nas correlações de força entre as classes, como uma vontade que brotou, entre educadores/as, movimentos, partidos e sindicatos organizados, em criar respostas políticas através da educação (SERRANO, 2020, p. 26). Para a autora, a

educação popular surge com esse propósito a fim de se opor às práticas sociais educativas de caráter colonizador, que se encontravam vigentes. Ressalta, em especial, que o caráter de conscientização política, utilizado pela educação popular, existe desde a sua gênese e é seu ponto fundamental.

Para a Karen de Fátima Maciel (2011), mestranda em educação, e estudante da temática, o movimento da educação popular no Brasil pode ser elencado em três momentos, sendo o último, o mais próximo ao foco de nosso ensaio. Para a autora:

Poderíamos inferir, neste sentido, que há três concepções mais comuns de educação popular. A 1ª concepção está ligada à educação direcionada à alfabetização de jovens e adultos no espaço escolar; a 2ª concepção reserva à educação popular o caráter transformador, acontecendo fora do espaço escolar; e a 3ª concepção é mais recente, compreende-a como uma educação política da classe trabalhadora, numa perspectiva tanto de emancipação como de conformação do status quo, sendo a escola e a sociedade espaços legítimos de educação popular (MACIEL, 2011, p. 330).

Para Maciel (2011), é a partir do momento elencado no terceiro tópico que as denominações educação de base; educação de adultos; e educação popular passam a ser definidas por meio de uma só: Educação Popular. A autora, em comunhão com Visotto (2023) e Serrano (2020), citados anteriormente, enxerga na alfabetização uma forma de adquirir para as classes populares o acesso a uma conscientização política, por meio de uma educação emancipadora e libertadora.

Educação popular, em vista disso, é a educação voltada para o povo. Nesse contexto Hurtado (1992, p. 44-45) define, portanto, educação popular e como:

[...] a teoria a partir da prática e não a teoria “sobre” a prática. Assim, uma prática de educação popular não é o mesmo que “dar” cursos de política para a base, nem ler textos complicados, nem tirar os participantes por muito tempo de sua prática, para formá-los, sem tomar a própria realidade (e a prática transformadora sobre essa realidade) como fonte de reconhecimentos, como ponto de partida e de chegada permanente, percorrendo dialeticamente o caminho entre a prática e sua compreensão sistemática, histórica, global e científica sobre esta relação “entre teoria e prática. (HURTADO, 1992, p. 44-45 *apud* ARAGÃO *et al.*, 2015, p. 86)

A educação popular, a partir disso, deixa de ser uma educação *para* o povo e se torna uma educação que o povo *cria*. Carlos Rodrigues Brandão (2006), em seu livro, *O que é educação popular*, afirma que:

Pela primeira vez surge a proposta de uma educação que é popular não porque o seu

trabalho se dirige a operários e camponeses excluídos prematuramente da escola seriada, mas porque o que ela “ensina” vincula-se organicamente com a possibilidade de criação de um saber popular, através da conquista de uma educação de classe, instrumento de uma nova hegemonia (BRANDÃO, 2006, p. 53).

De acordo com Brandão (2006, p. 56) é possível elencar três tendências sucessivas na educação popular brasileira: i) a primeira, afirma que a educação popular seja um movimento de trabalho pedagógico que age na sociedade enquanto um instrumento de conscientização; ii) a segunda, realça o movimento de troca entre os educadores e os movimentos populares, unindo, a partir disso, a prática com a educação popular; iii) a terceira, última, mas ponto chave da análise da educação popular no Brasil, afirma que a educação popular seja aquela realizada pelo povo, que produz politicamente o seu próprio conhecimento. Logo, trata-se de uma educação não neutra, que tem como propósito político a conscientização, feita a partir de um modelo horizontal de educação do povo.

É sob essa perspectiva que Aragão, Silva Neto e Alencar (2015) afirmam que o educador popular carrega uma tarefa eminentemente política. Para os autores, é necessário que o educador popular tenha ciência da realidade vivida pela classe trabalhadora e popular, e jamais ficar indiferente diante das injustiças e direitos violados do povo.

4.2 A REDE EMANCIPA: ONDE EDUCAÇÃO POPULAR ENCONTRA O MOVIMENTO SOCIAL EM PROL DA DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À EDUCAÇÃO

Variados são os exemplos de cursinhos que, atualmente, seguem esse mesmo plano político de ensino, e, neste artigo, ao buscar identificar os cursinhos populares como um método possível para a democratização do acesso ao ensino superior, busco tratar da Rede Emancipa – Movimento Social de Educação Popular, que atua no país há mais de uma década.

Com o propósito de melhor conhecer o movimento de cursinhos pré-universitário Rede Emancipa, realizei uma consulta bibliográfica no projeto Educar, Organizar e Agir: caderno de Formação para Educadores Populares, publicado pela Rede no ano de 2020, e na revista comemorativa de 10 anos de funcionamento do cursinho, publicada em 2017. Em comunhão com a bibliografia pesquisada, foi realizada, no dia 13/11/2023 uma entrevista com a coordenadora da Rede Emancipa da cidade de Uberlândia, com o propósito de melhor conhecer a rede e a sua atuação na cidade mineira. O sigilo da identidade da coordenadora será respeitado.

Para a realização da entrevista foram utilizados os preceitos de João Amado (2014)

sobre metodologia semidiretiva. Logo, a partir do “guião”, feito de maneira prévia à entrevista, foi possível efetivar um diálogo com a coordenadora da Rede na cidade de Uberlândia, no intuito de melhor a atuação do movimento na cidade.

Como já citado anteriormente², a partir do exposto por Castro (2019), Groppo, Oliveira e Oliveira (2019) e Mendes (2011), entende-se que a Rede Emancipa surge, no Brasil, em meio à falha tentativa de retomar os princípios originários do Cursinho da Poli-USP. Para além da retomada dos princípios populares da versão original do cursinho, a Rede busca, em simultâneo, um processo de radicalização na luta pelo acesso à universidade, e o estabelecimento estrutural dos cursinhos feitos preferencialmente em escolas da rede pública, localizadas nas periferias. Seu surgimento, no ano de 2007 na cidade de Itapevi, São Paulo, significa, para além de uma retomada ao Cursinho da Poli, o início da jornada de um movimento social em prol da educação popular que tem sua disseminação pelo Brasil, e alcança, cada vez mais, a conscientização política e a democratização do acesso à educação no Brasil.

Sobre esse movimento de retomada do Cursinho da Poli, Roberto Goulart, colaborador do cursinho Rede Emancipa, afirma:

A Rede Emancipa resultou da luta pelo resgate do Cursinho da Poli do Grêmio Politécnico da USP (CP). Desde 1987 o Cursinho da Poli tinha se constituído como espaço singular na preparação da juventude para o ingresso na universidade pública. Porém nos anos 2000 um grupo de ex-presidentes e diretores do Grêmio Politécnico, através de manobras jurídicas, capturaram o projeto social e converteram-no em um cursinho de mercado. 2004 e 2005 formou-se um movimento pelo resgate do CP que lutou para manter o caráter social do Cursinho. Após esse intenso movimento decidimos refundar o Cursinho da Poli na USP, mas a iniciativa não prosperou. Com isso, um grupo resolveu criar a Rede Emancipa como um projeto pré-universitário (para além do pré-vestibular) como espaço de formação e integração com as lutas sociais (moradia, educação, acesso à universidade, cotas, mobilidade entre outras) (EMANCIPA 10 ANOS, 2017, p. 9).

Atualmente, o país conta com mais de 40 núcleos do cursinho pré-universitário Rede Emancipa, envolvendo, no total, 20 municípios e 07 (sete) estados (GROPPO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2019, p. 10).

Entre os princípios da Rede, a educação popular é tida como protagonista, conforme cita Maurício Costa de Carvalho (2017), coordenador da Rede Emancipa, em texto publicado na revista comemorativa de 10 anos do movimento. Escolher a educação popular é, para ele, escolher a transformação social, em uma atuação que busca romper com o ciclo que há anos condena milhões de pessoas, seja pela cor, ou pela condição econômica, a ficarem de fora da

² Ver página 12

partilha do poder e do conhecimento no país. Para além disso, em comunhão a um difícil momento que passa a educação pública brasileira, que, a partir disso, constantemente reproduz as desigualdades, naturaliza as injustiças e relega o ensino público à subalternidade, o coordenador relata que, ao caminhar junto da educação popular, estimula-se a argumentação e a crítica em detrimento da doutrinação e do dogmatismo; a solidariedade em detrimento da competição e do individualismo; a alegria do saber em detrimento da censura e do silenciamento.

Ainda no que tange os princípios do movimento, Maurício Costa e Cibele Lima (REVISTA 10 ANOS REDE EMANCIPA, 2017), ao escrever sobre a Rede, também na revista comemorativa de 10 anos do Rede emancipa, ressaltam a intencionalidade na escolha do termo “movimento social”, inserido na nomenclatura do cursinho. Assim sendo, eles relatam que as ações na Rede são propostas tomando por base três coisas: a luta pelo acesso à universidade, ação dentro das escolas públicas, e o direito à cidade.

Uma outra questão, muito bem elucidada por Costa e Lima (2017) atua no que tange ao modo como a própria Rede enxerga o movimento que faz. Diante disso, para além de se constituírem enquanto movimento social de educação popular, a Rede Emancipa também se intitula enquanto cursinho pré-universitário, e o faz por duas razões, em primeiro, com o propósito de se opor ao movimento de cursinhos comerciais, em segundo, na intenção de reivindicar o carácter político do movimento, uma vez que ele não apenas visa as provas de vestibular e ENEM, mas também tem como propósito o desenvolvimento da autonomia intelectual e da construção de conhecimento.

Sobre isso, a coordenadora da Rede Emancipa da cidade de Uberlândia, Minas Gerais, relata, em entrevista feita, que:

[...] O Emancipa, ele surge com uma proposta pré-universitária, de preparar o estudante para entrar na universidade, mas que a gente vai além disso. Então *pensar educação popular como essa ferramenta de emancipação* e que pode vir por meio, por exemplo, de atividades culturais, ou pode ser capacitando essa *galera* que às vezes já saiu da escola, para fazer o ENEM, para conseguir o diploma do ensino médio, o ENCCEJA³, né, capacitação ali para prestar o concurso. Porque a gente acredita que a educação vai além do que acontece na universidade, que é claro que é importante, né? Mas que não é só isso também. (grifo nosso)

De acordo com o exposto por Costa e Lima (2017), a entrevistada, ao afirmar que o

³ Exame Nacional Para Certificação de Competências de Jovens e Adultos.

movimento se identifica enquanto pré-universitário, afirma, o seu caráter pedagógico político, que, em suas próprias palavras, visa “pensar na educação popular como ferramenta de emancipação”, mas que, para além disso, visa olhar para realidade social daqueles ali presentes. Isso posto, ela ressalta, em simultâneo, as demais preparações que são feitas por meio do cursinho, para além dos exames de vestibular ou ENEM, sejam elas para o ENCCEJA, que é uma prova que permite a conclusão do ensino médio, ou nos preparatórios para concurso público, que é um método seletivo para a conquista de um emprego.

Conforme destaque no caderno de formação (CADERNO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES POPULARES, 2020, p. 3), entre os pontos que interligam o cursinho aos conceitos freirianos, pode-se citar: a problematização do conteúdo do vestibular e do caráter excludente da universidade, a crítica à “educação bancária”, o planejamento coletivo, a democracia radical, o projeto de um novo mundo possível a partir de uma prática libertadora, a dialogicidade como fundamento da construção do conhecimento, a valorização do saber dos educandos, a humildade, afetividade etc.

No que diz respeito a isso, a coordenadora elucida:

[...] a gente tenta fugir do padrão de cursinho da educação bancária, né? Como Freire denuncia, que é só aquele esquema de assistir aula, como é na escola normal. Então a gente procura as formas alternativas de ensino, mas dentro da própria grade horária do cursinho. [...] Incluir algumas atividades, que deem mais a cara emancipada que a gente quer dar para o cursinho.

Para além do já exposto, outra atividade praticada pelos cursinhos da Rede Emancipa, que muito tem a ver com Paulo Freire e a sua pedagogia, diz respeito aos círculos do Emancipa. Conforme Juliano Niklevicz e Bruno Magalhães (NOSSAS LUTAS, NOSSOS SONHOS, 2017), os círculos do Emancipa, inspirados na educação popular, são espaços essenciais e inegociáveis para a Rede, em que, na metodologia dos círculos, educandos e educadores, dispostos em roda, olham uns para os outros, respeitando o direito de todos de dizer e de ouvir, e debatem temas sobre o cotidiano, família, território, cidade ou da sua própria vida. Portanto, os círculos, para Costa e Lima (NOSSAS LUTAS, NOSSOS SONHOS, 2017) são a essência da proposta da Rede Emancipa, pois eles caracterizam um espaço de construção coletiva dentro dos cursinhos, onde os estudantes e professores se enxergam horizontalmente para dialogar, e principalmente, se organizar, e se politizar.

Conforme o exposto por Rodrigues e Rufato (2021, p. 69-70), os círculos do emancipa se inspiram na proposta dos Círculos de cultura de Paulo Freire. Em Freire, nos seus círculos de alfabetização, é proposto um trabalho dialogal e crítico, e esse trabalho é realizado por meio

de um espaço de ensino e aprendizagem, sustentado pelo diálogo, onde a aprendizagem se realiza por meio do debate de questões que se situam no cotidiano dos estudantes.

Na perspectiva de um trabalho dialógico e crítico, feito a partir de uma metodologia que visa a horizontalidade, a entrevistada afirma, sobre os círculos:

[...] é o momento, durante a semana, em que a gente usa para falar sobre um assunto, e a gente estimula, inclusive, que eles tragam o assunto para a gente. Tipo, ah, o que vocês querem debater essa semana? A guerra na faixa de gaza, a legalização do aborto. Geralmente são temas bem polêmicos, mas é um momento de todo mundo sentar e apresentar o que pensa. Foge, também, desse esquema que é o professor lá na frente dando a aula e eles passivamente lá ouvindo, né? Então é um momento de troca, de debate mesmo.

Para além do círculo, Juliano Niklevicz e Bruno Magalhães (2017) também citam o tempo livre, como outra metodologia utilizada em todas as Redes do Emancipa. Tempo livre, para os citados, caracteriza-se como um espaço de criação, inserido no meio das atividades e aulas, no qual todos podem fazer o que quiserem, inclusive estudar. Logo, no tempo livre o estudante consegue pensar no que quer, suas motivações e conflitos, ressignificando, assim, a sua própria experiência. Sobre a estratégia do tempo livre, a entrevistada afirma que:

[...] Então é dar um espaço ali para a galera não fazer nada. Não fazer nada mesmo. Fazer o que quiserem, conversar, descansar. Porque também é uma rotina muito desgastante, né? E a gente vê, inclusive, que em muitos lugares o emancipa atende não só o jovem, né? Que quer ali entrar na universidade, mas que às vezes um jovem que já trabalha, até que já tem filhos, tem família, então assim, é uma rotina extremamente cansativa e que a gente não quer entrar nessa lógica né de toma aí mais um cursinho [para fazer].

A entrevistada, registra uma análise importante sobre o cursinho e a sua questão política particular. Para ela, o tempo livre pode ser usado pelos alunos até para o descanso, visando àqueles que, por ter que trabalhar, estudar, ter afazeres domésticos, precisam de um local para o próprio descanso, que não deve ser negligenciado. Ter essa perspectiva, enquanto movimento social de educação, diz respeito ao olhar atento que a Rede tem sobre o público-alvo do próprio cursinho.

Sobre os princípios da Rede Emancipa, é possível elencá-los, a partir da carta publicada junto ao Caderno de Formação de Educadores Populares, em 2017. Entre os 10 tópicos da carta, tem-se, respectivamente:

1. Defesa da educação pública, gratuita e de qualidade como direito de todas e todos;
 2. A gratuidade como premissa na participação dos estudantes em nossos cursinhos;
 3. Educar para a liberdade, desenvolver o pensamento crítico contra a doutrinação e promover o protagonismo estudantil;
 4. Compromisso com a luta da classe trabalhadora por direitos e pela transformação social;
 5. Defesa de um projeto anticapitalista para a sociedade;
 6. Direito à cidade, entendido como o direito de usufruir dos serviços sociais básicos, dos espaços de lazer e de cultura;
 7. Autonomia política e financeira, sem interferência de qualquer outra organização ou do Estado;
 8. Promoção dos Direitos Humanos, contra qualquer forma de opressão e preconceito e para a realização da cidadania;
 9. Aliança com outros setores a partir de acordos políticos pragmáticos e táticos. Não temos e não teremos relações com organizações de direita e com organizações que atuem para nos dividir, cooptar ou instrumentalizar;
 10. Promoção da solidariedade e do coletivismo como valores fundamentais.
- (CADERNO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES POPULARES, 2020, p. 17)

4.3 A REDE EMANCIPA NA CIDADE DE UBERLÂNDIA

A partir da entrevista realizada com a coordenadora da Rede Emancipa da cidade de Uberlândia, foi possível ter dimensão da atuação que o movimento teve e tem na cidade. Sobre essa atuação, a entrevistada a divide em dois momentos: primeiro, até 2022, onde foi possível ter as aulas por meio do cursinho, e após 2022, onde, diante de várias circunstâncias, que serão posteriormente elencadas, o cursinho não conseguiu mantê-las. Em relação a instalação do cursinho, ela relata:

[...] aqui em Uberlândia a gente começou em 2015/2016 com um cursinho lá no bairro Jardim das Palmeiras. [...] Só que a gente teve um hiato assim sem funcionar, a gente voltou agora durante a pandemia 2021, por aí, e a gente começou atuando remotamente, né, tudo on-line. A gente abriu uma turma on-line, e seguiu ali no semestre de 2021.

O cursinho, que teve seu início no ensino remoto, passou, em 2022, a atuar em uma escola estadual localizada no bairro Alvorada, na zona leste da cidade de Uberlândia, registrada como Escola Estadual Lourdes de Carvalho.

Em seu tempo de funcionamento na escola do bairro alvorada, ela relata que o trabalho educativo foi possível de ser efetivado graças ao contato dos organizadores da Rede, dos professores e a direção da própria escola. Conforme cita a entrevistada, todo o trabalho feito pelos profissionais para a realização do cursinho é realizado por meio de professores, já formados, e em alguns casos, que atuam na própria escola utilizada pela Rede durante o turno de aulas. Sobre isso, ela afirma:

E ali no Lourdes [...] a gente foi, conversou com a direção, apresentou o projeto político pedagógico do Emancipa, a nossa forma de atuação e a escola topou. Eles acharam até interessante por conta dos interesses da escola né, de sábado letivo. Enfim, é interessante para eles também, porque vai que um dos estudantes passa, né? Mais estudantes passam, então isso é interessante para eles também. Então sempre funcionou nessa parceria assim, diretamente com a escola, não é nem com o Estado, e não envolve muito a superintendência.

Ainda sobre as particularidades do cursinho no ano de 2021/2022, e as aulas que foram efetivadas na E.E. Lourdes de Carvalho, a coordenadora reitera sobre a importância territorial que tem a atuação do movimento e a ligação disso com os princípios da Rede Emancipa. A escola fica na zona leste de Uberlândia, periferia da cidade, e, conforme consta nos princípios da Rede, trata-se do público que o movimento visa alcançar. Para ela:

[...] É, porque assim, a gente fica até pensando, porque é sempre um dilema, né. Vamos fazer [as aulas] num local mais central, porque atende mais regiões, mas nem sempre a galera tem, sei lá, o dinheiro do passe para chegar na escola, né. Então às vezes você atuar no território, e isso é muito importante para Emancipa, né, a noção do território, do bairro, da comunidade que mora ali envolver outras pessoas, associação do bairro etc. Então às vezes é mais interessante a gente chegar ali, diretamente num bairro periférico e começar atuar, do que esperar que a periferia, que é o público que a gente quer atender, né? A galera que não pode pagar um cursinho, ou que tem um ensino precarizado na escola regular consiga chegar.

Para além disso, conforme cita a entrevistada, entre as causas que levaram o cursinho a parar com as aulas preparatórias, na escola E.E. Lourdes de Carvalho, a evasão de alunos é vista como protagonista. Logo, para a entrevistada:

[..] Aí a gente começou a atuar lá [na E.E. Lourdes de Carvalho], no primeiro e segundo semestre [de 2022], só que aí o que que a gente percebeu? Cursinho popular [...] sempre teve muita evasão. É uma realidade que existe aqui, existe todas as outras cidades, em todos os outros cursinhos que a gente conhece, porque a gente está disputando, ali, o jovem com o mercado de trabalho, com outras coisas, né? Então, ah, para que que eu vou voltar na escola no final de semana, que a gente geralmente funciona aos sábados, né? Sábado, fim de semana no geral, assim. Então para o jovem que já estuda de segunda a sexta, eu vou voltar na escola no sábado para estudar mais? Então assim, tem esse problema né? Ah, não vou dar conta de passar, aí eu preciso começar a trabalhar e ajudar minha família, não sei o que.

Entre as várias questões abordadas pela entrevistada nesse trecho, duas, em especial, chama atenção à análise. Em primeiro, a dificuldade, presente no cotidiano dos alunos que precisam conciliar as aulas preparatórias com o mercado de trabalho, e em segundo, a

autoestima desse aluno, que, por não ter as condições necessárias para a aprendizagem (e isso pode ter várias razões, entre elas; a precarização do ensino nas redes públicas; já ter concluído o ensino médio, e estar desacostumado com a dificuldade das temáticas abordadas; ter que estudar e trabalhar, e conciliar ambos com as tarefas domésticas) acaba fazendo com que o aluno descredite da possibilidade da aprovação. Sobre isso, para Pereira, Raizer e Meirelles (2010), é necessário se atentar à questão da autoestima do aluno que frequenta o cursinho pré-vestibular popular. Através de sua pesquisa, os autores citam Sanger (2003) que atesta que:

[...] uma das maiores dificuldades no sistema ensino-aprendizagem é a baixa autoestima e o sentimento de inferioridade que muitos candidatos apresentam, ao deparar com provas que exigem um grau muito maior de reflexão e conhecimento, a atuação desses cursinhos na preparação de uma consciência crítica é muito mais útil do que a “simples” apresentação de conteúdo (PEREIRA; RAIZER; MEIRELLES, 2010, p. 88).

Ainda sobre o mesmo tópico, os autores definem a autoestima como um dos fatores que influenciam no sucesso. Para eles, a autoestima faz parte de qualquer atividade humana, logo, ter a consciência de que é possível, traz benefícios não só particulares, mas coletivos.

Em um momento posterior, a coordenadora do cursinho relata um desânimo coletivo (por meio dos alunos da rede pública) com relação à entrada nas instituições de Ensino Superior. Para ela:

E a gente viu que, assim, da pandemia para cá, mas a gente sabe que é um contexto mais geral, né? Assim de governo Bolsonaro, governo Temer, todas os ataques, né, à educação, o sistema educacional, mercado de trabalho, tudo isso fez com que a nossa juventude hoje de 16, 17 anos, ensino médio no geral, não perceba mais a universidade como uma alternativa. Porque assim, não sei você, mas eu, minha geração, minhas colegas, meus irmãos, a gente cresceu ouvindo, né, tipo estuda para você ter um futuro melhor, entrar numa faculdade, não sei o que, e já não é uma realidade para a galera que está chegando agora, sabe. Por que que eu vou passar quatro anos da minha vida sentada na universidade para sair desempregado? Ou para sair ganhando mesmo que ganha alguém que não teve essa formação? Então a galera está sendo cooptada por esse discurso de que é mais fácil se você virar youtuber, gamer, não sei, o quê do que estudar para entrar na universidade.

Diante da problemática da evasão, e do não interesse de parar com as atividades, a entrevistada relata que o movimento, em Uberlândia, buscou se reinventar, no propósito de continuar a atuar em prol da cidade. Sendo assim, ela cita que o Rede Emancipa passou a atuar

junto a dois projetos já existentes na cidade: o ABC do Glória⁴ e com aulas comunitárias que acontecem no espaço físico de um bar⁵, na cidade, em horário distinto ao de funcionamento.

Logo, sobre o projeto com o ABC do Glória, a coordenadora relata que:

[...] a gente passou a atuar em parceria com um projeto que funciona lá no bairro do Glória, Élisson Prieto [...] e lá tem esse projeto superbacana que é o ABC. É super legal, assim, eles funcionam tipo voluntariado, e muitos voluntários são estudantes da UFU. Então eles têm atividades lá no fim de semana, no sábado e no domingo. No sábado, eles atendem as crianças e no domingo os jovens. A gente pensou, ah, já tem essa galera lá. Eles precisam de parcerias para fazer as atividades. Então a gente vai atuar dessa forma esse ano. Que é o ano de 2023. [...] a gente faz atividades lá no ABC um domingo por mês, assim, geralmente, inclusive neste domingo (19/11/2023) tem atividade nossa lá se tudo der certo.

Sobre isso, é de grande importância, para um projeto que visa lidar com educação popular, ampliar o seu leque, e atuar em conjunto com as necessidades da própria comunidade. A partir disso, percebe-se que o movimento, na cidade de Uberlândia, aplica um olhar atento às demandas da população.

No que diz respeito às aulas realizadas no espaço físico do bar, ela ressalta:

[...] Além disso, a gente fez outra parceria que foi com o *Dboche*⁶, aquele bar. [...] No *Dboche* o dono de lá é super progressista, super engajado, e ele queria abrir o espaço do bar para atividades culturais, educacionais, fora do horário de funcionamento. E a gente fechou uma parceria lá, com eles, para usar o espaço para dar aulas pré-universitárias e pré-concurso. Porque teve agora, né, o concurso da prefeitura, o concurso do estado, e muita gente ficou interessada. A gente fez várias aulas durante o sábado, então a gente atuou dessas duas maneiras, principalmente, né?

Logo, as aulas feitas no espaço físico do bar têm um público-alvo diferente do pré-vestibular convencional, novamente realçando o caráter de atuação plural da Rede Emancipa, que, no intuito de auxiliar as classes populares nos processos seletivos de concurso, tanto da Prefeitura como do Estado, efetiva o seu propósito, a partir das aulas, a partir de uma educação popular.

⁴ < <https://abcdogloria.org/>> Através desse site é possível ter acesso ao trabalho do ABC do Glória na cidade de Uberlândia.

⁵ Banner de divulgação, postado em rede social, no intuito de promover a atividade: <<https://www.instagram.com/p/Cwh2xN0rHrA/?theme=dark>>

⁶ “Dboche Pub Show” é um bar, que fica localizado na Av. Araguari, nº 9, bairro Martins (2023), na cidade de Uberlândia. O espaço do bar é utilizado, fora de horário de funcionamento, para aulas, entre elas as da Rede Emancipa, e demais atividades culturais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão bibliográfica feita, e da produção de uma entrevista, buscou-se ressaltar as possibilidades da educação, quando utilizada a partir dos movimentos sociais, que enxergam a importância de seu uso público, com o propósito de conscientização política, emancipação pessoal e democratização do acesso às instituições de ensino no país. Desse modo, observou-se, a partir do exposto, que a existência dos movimentos sociais, que atuam nesse propósito, junto à educação popular e a pedagogia freiriana, podem ser vistos como uma alternativa possível, na contemporaneidade, quanto aos objetivos propostos de alcançar às classes populares e, com elas, fazer educação, e fazer mobilização social.

Mostra-se igualmente importante apontar a pluralidade, exposta pela Rede Emancipa, em sua atuação na cidade de Uberlândia. O movimento social, ao visar a democratização do acesso à educação, e o seu caráter pré-universitário, aplica o olhar a todos aqueles que precisam de amparo educacional, sejam eles alunos do ensino médio, visando os processos seletivos de entrada para o ensino superior; sejam os alunos que já garantiram o diploma da educação básica, mas que ainda mantêm o sonho da graduação, sejam alunos que precisam dividir a educação com o mundo do trabalho; e ainda adultos que, ao se depararem com processos seletivos de concurso público, precisam de igual preparação para as provas.

Quanto a seu caráter pré-universitário, e a pluralidade de seu uso, entende-se um pouco mais a perspectiva elencada pela Rede e quais são os seus propósitos, uma vez que a entrada nas instituições de Ensino Superior é apenas um deles, não se caracterizando como o mais importante. Pereira, Raizer e Meirelles (2010) quanto ao propósito dos cursinhos populares, relatam que:

[...] a presença de pessoas de baixa renda nos cursinhos populares já cobre de êxitos parciais estas experiências, pois estão indo de encontro à lógica excludente preponderante. Relatos de professores e coordenadores de cursinhos populares apontam que, em média, um aluno de cursinho popular leva dois anos para conseguir a aprovação e entrar na universidade pública. Mas será que não entrar na universidade é sinônimo de fracasso de um aluno que teve passagem em cursinhos populares? Se a resposta for positiva, não será que estamos caindo na mesma lógica (individualista, concorrencial e meritocrática) que tentamos romper e que gera a própria necessidade de cursinhos populares? (PEREIRA; RAIZER; MEIRELLES, 2010, p. 94).

É palpável de observação que, muito do que aqui foi apresentado pode ser ainda aprofundado, em pesquisas futuras, de modo especial quanto à Rede Emancipa e a sua atuação

no estado de Minas Gerais, junto a isso há a possibilidade de analisar o plano político pedagógico, a metodologia utilizada em aulas e as estatísticas de aprovação do cursinho. Ainda assim, as documentações aqui colhidas já demonstram a importância que o movimento tem, não só para a cidade de Uberlândia, mas para o Brasil, desde a fundação da Rede em 2007.

REFERÊNCIAS

AMADO, João. **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. 2ed. Coimbra: Coimbra Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

ARAGÃO, Rigler da Costa et al. Cursinho Popular Emancipa: movimento de educação popular. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 14, n. 2, p. 83–92, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/29589>. Acesso em: 10 nov. 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CARTA DE PRINCÍPIOS DO REDE EMANCIPA. **Caderno de Formação de Educadores Populares**. Rede Emancipa, 2020, p. 17.

CARVALHO, Maurício Costa. Educar, organizar e agir: sobre a necessidade de um projeto de educação popular para o Brasil. **Caderno de Formação de Educadores Populares**. Rede Emancipa, 2020, p. 3-5.

CASTRO, Cloves Alexandre de. **Cursinhos alternativos e populares: Movimentos territoriais de luta pelo acesso ao ensino público superior no Brasil**. 2005. 110 fls. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, SP, 2005.

CASTRO, Cloves Alexandre de. **Cursinhos alternativos e populares: a geografia das lutas**. Curitiba: Appris, 2019.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra: formação e territorialização em São Paulo**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 285p

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GROPPO, Luis Antônio; OLIVEIRA, Ana Rosa Garcia de; OLIVEIRA, Fabiana Mara de. Cursinho popular por estudantes da Universidade: práticas político pedagógicas e formação docente. **Revista brasileira de Educação**, v. 24, e. 240031, p. 1-24, mar 2019.

HURTADO, C. N. **Educar para transformar, transformar para educar: comunicação e educação popular**. Petrópolis: Vozes, 1992.

MACIEL, Karen de Fátima. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 2, n. 2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6519>. Acesso em: 10 nov. 2023.

MENDES, Maíra Tavares. **Inclusão ou emancipação? Um estudo do Cursinho Popular Chico Mendes/Rede Emancipa na Grande São Paulo**. 2011. 138 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

NORONHA, Cejana Uiara Assis. Teologia da Libertação: origem e desenvolvimento. **Revista Fragmentos de Cultura** - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, Brasil, v.

22, n. 2, p. 185–191, 2012. Disponível em:
<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/2307>. Acesso em: 20 nov. 2023.

PEREIRA, T. I.; RAIZER, L.; MEIRELLES, M. A luta pela democratização do acesso ao ensino superior: o caso dos cursinhos populares. **Revista Espaço Pedagógico**, [S. l.], v. 17, n. 1, 2012. DOI: 10.5335/rep.2013.2029. Disponível em:
<https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/2029>.

REDE EMANCIPA. **Nossas Lutas, Nossos Sonhos**. 10 anos educando para a Liberdade. São Paulo, 2017.

RODRIGUES, Lyllian; RUFATO, Marcela. Os círculos da Rede Emancipa: Entre o diálogo com os círculos de cultura de Paulo Freire e a construção de uma ferramenta de luta pela democratização do ensino superior. In: MENDES, Maíra; SANTOS, Maria. **Ideias para mudar a universidade**: diálogos sobre pesquisas e(m) memórias das lutas por acesso à UESC. Quipá, 2021, p. 64-82.

SADER, E. **Quando novos personagens entram em cena**: experiências, falas e luta dos trabalhadores na Grande São Paulo, 1970-1980. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SANGER, Dircenara dos Santos. **Para além do ingresso na universidade** – radiografando os cursos pré-vestibulares para negros em Porto Alegre. 2003. 184 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2003.

SERRANO, Marianna Di Giovanni Pinheiro. **Cursinhos Populares no Brasil**: experiência e educação popular na perspectiva da luta de classes. 2020. 107 fls. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Porto, Porto/PT, 2020.

VISOTTO, Marcelo Cortes. **Rede Emancipa, Movimento Social de Educação Popular, e o currículo escolar**: disputa e ocupações no cursinho popular de Pouso Alegre/MG. 2023. 122 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2023.